

GONÇALVES CORREIA

a utopia de um cidadão

EXPOSIÇÃO DE 21 DE MAIO A 16 DE JUNHO
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BEJA - JOSÉ SARAMAGO

FRANCISCA BICHO

ÍNDICE

Apresentação	3
Nota Biográfica	6
Recordações de Gonçalves Correia	14
Impressões sobre Gonçalves Correia	17
O Pensamento de Gonçalves Correia	19
Gonçalves Correia escreveu	34
Fontes e Bibliografia	39

FICHA TÉCNICA

Textos: Francisca Bicho

Nota Biográfica: Conceição Vieira

Fotografias: Família de Gonçalves Correia

Edição: Câmara Municipal de Beja

APRESENTAÇÃO

"**Antônio Gonçalves Correia, a utopia de um Cidadão**" é a designação escolhida pela família para a Exposição com que a Biblioteca Municipal José Saramago, Beja, pretende homenagear Gonçalves Correia (1886 - 1967), o homem e as ideias que convictamente defendeu, destacando o ensaio de comunismo prático em que lhe deu forma - *A Comuna da Luz, Vale de Santiago - Odemira* e a *Comuna Clarão, Albarraque*.

Natural de São Marcos da Ataboeira, Castro Verde, viveu em Beja e outros lugares; pelos seus escritos e ações e através do seu olhar luminoso transmitiu a ideia de que o verdadeiro socialismo era "o socialismo libertário, consciente, de ação direta [...] sem deputados, sem eleições [...]", que era fundamental a associação e o gosto dos associados pela "agremiação", que a Felicidade de todos era possível na sociedade futura, e por isso afirmava que havia de seguir a sua "namorada", a "Revolução do amor, a nossa revolução!"

A Exposição organiza-se em 2 núcleos, o primeiro (R/C) mais centrado nos traços biográficos deste Homem extraordinário, no dizer de muitos, e o segundo (1.º Andar) no seu pensamento, nas ideias do Anarquismo, que como afirmou, passou a seguir a partir dos seus 25 anos.

Para a montagem desta Exposição, a Biblioteca contou com a colaboração da família de Gonçalves Correia, e da Professora Francisca Bicho, quanto à

pesquisa, organização de documentos e sua seleção para apresentação. Francisca Bicho ressalva que Gonçalves Correia, o seu pensamento, ações e respetivo enquadramento merecem obviamente a continuidade da pesquisa em que se baseou esta Exposição, e que a mesma deve ser "lida" na perspectiva de uma abordagem a partir de alguns dos elementos obtidos na investigação efetuada.

O núcleo 1 da Exposição (R/C) integra uma Nota Biográfica sobre Gonçalves Correia, uma Genealogia cedida pela família, bem como algumas "curiosidades" que as netas referem como recordações do avô, além de fotografias e outros documentos que conservam e cederam. Apresenta-se ainda um conjunto de "impressões" sobre Gonçalves Correia, Livros e outras publicações sobre este revolucionário, e *A Felicidade de Todos os Seres na Sociedade Futura*, edição de uma Conferência proferida por Gonçalves Correia em 1922.

Do mestre Sr. Isaclino, que bem conheceu Gonçalves Correia, expõem-se obras fabricadas pelas suas mãos expressamente para a Exposição.

O núcleo 2 da Exposição (1º. andar) é constituído por Textos, em particular os escritos por Gonçalves Correia, ou outros que a ele, ao seu pensamento e ações nos podem conduzir. Sobre este todo, aqui destacamos uma certa linha orientadora.

- A)- *Gonçalves Correia "apresenta-se", em termos de ideias* - são as cartas que dirige: - *ao Presidente da República* e a *Um Republicano*, a *Uma Mulher*, a *Um Advogado*, a *Um Anarquista*, a que se associam algumas das suas afirmações sobre a Anarquia;
- B)- *A Anarquia / O Anarquismo*, a referência ideológica de Gonçalves Correia, tem apresentação de síntese e com recurso aos seus escritos ou de outros seus camaradas;
- C)- O Jornal ***A Questão Social*** foi criado por Gonçalves Correia em Cuba - 1916, órgão através do qual era desenvolvida uma significativa atividade de propaganda dos ideais que com outros prosseguia;

- D)- O Comunismo concretizou-o Gonçalves Correia na sua *Comuna da Luz*, Vale de Santiago - Odemira e *Comuna Clarão*, Albarraque;
- E)- *As Prisões de Gonçalves Correia (1918 e 1932)* - A Greve de 1918 e os acontecimentos em Odemira conduziram ao fim da Comuna da Luz e à prisão de Gonçalves Correia; o amante da Liberdade voltará a ser preso em 1932, e o Estado Novo viu sempre nele "um perigoso comunista";
- F)- *Textos escritos por Gonçalves Correia* - Apresenta-se algumas das muitas matérias que tratou.



NOTA BIOGRÁFICA

Antônio Gonçalves Correia nasceu em S. Marcos da Ataboeira, concelho de Castro Verde, a 3 de Agosto de 1886. Seus pais eram Manuel Correia Alves e Bárbara Francisca, ele sapateiro e ela ocupada no serviço doméstico.

Foi caixeiro-viajante, percorreu todo o sul do país no seu papel de vendedor de cordoaria, mercearias e madeiras de várias casas, e nessas deambulações conheceu Ana do Carmo, por quem se apaixonou perdidamente e com quem casou em Portimão no dia 7 de Novembro de 1905, depois de ultrapassados alguns obstáculos, pois a apaixonada de Antônio foi criada por uma madrinha e cresceu num estatuto social mais elevado.

O casal viveu em Beja e do seu amor nasceram 10 filhos, cujos nomes foram sempre escolhidos de acordo com o ideal libertário que Antônio tanto prezava, e que o levava a optar por nomes de escritores ou de ideais que defendia, como se pode concluir - Etelvira, Vítor Hugo, Antero, Emílio, Natércia, Liberdade, Celeste, Elizete Harmonia, Luz, Saudade.

Sendo um espírito livre, Antônio queria demonstrá-lo a todos os níveis, também no casamento. O amor entre Antônio e Ana foi enorme e respeitaram sempre a liberdade um do outro, porém, pelo facto de serem muito diferentes, às vezes não era fácil que cada um se adaptasse ao comportamento do outro.

Gonçalves Correia foi um autodidata, um espírito livre e um mentor de ensino e liberdade de mentes menos iluminadas ou menos sabedoras, como o confirma aquela sua ida à Biblioteca Municipal de Beja mostrar o livro "*Germinal*", de Émile Zola, a um seu parente de nome Germinal.

Em termos ideológicos, Gonçalves Correia foi republicano dos 18 aos 25 anos, segundo nos revela [Carta ao Presidente da República, "*A Batalha*" de 21. Maio.1921], porém, aos 25 anos, em 1911, enveredou pelo anarquismo, decepcionado com a República (já antes vinha a afastar-se para outros campos), pois como escreveu, cedo percebeu que não correspondia aos "puros interesses dos idealistas".



Gonçalves Correia foi colaborador em diversos jornais, como por exemplo "*O Porvir*", "*O Caixeiro do Sul*", "*A Aurora*", "*O Rebelde*", "*O Construtor*", "*O Facho*", "*Luz ao Povo*", "*Ecoss do Guadiana*", "*A Batalha*". Foi autor de poesia assinada por ele próprio ou através do seu pseudônimo Pedro Monséni,

possivelmente em jeito de homenagem a Juan Monseny, famoso libertário espanhol, destacando-se os seus poemas "*Contraste*" e "*O Meu Deus*".

Fundou em Cuba (quando lá vivia), em 1916, o jornal "*A Questão Social*", de que foi diretor e redator, indo buscar o mote para o Jornal à frase de Guerra Junqueiro "*Há mais luz nas 24 letras do alfabeto do que em todas as constelações do firmamento*" e apresentando no primeiro número as características, causas e objetivos do mesmo, bem como as razões do seu aparecimento - "*Quem somos e o que queremos*".

Em 1917 publicou o opúsculo "*Estreia de um Crente*", com o qual pretendia divulgar os seus ideais em forma que não fosse apenas a de artigos em jornais. Este opúsculo é constituído por diversas *Cartas*, que são no fundo como que uma "sebenta" sistematizando o seu pensamento, e que Gonçalves Correia apresenta dirigindo-se a um caçador, a uma mulher, tio rico, a um condenado, a um republicano, a um advogado e a um anarquista.



No prefácio, o autor escreve "*O autor do presente livro é um maluco incorrigível na boca de alguns burrancas. Pois fiquem-se V. Exas. com todo o seu juízo, que ele prefere ficar com os seus destemperos...*"

Gonçalves Correia criou a Comuna da Luz no Vale de Santiago, em Odemira, exemplo do *comunismo prático* que vinha anunciando no Jornal "A Questão Social" através das suas 'impressões', e ainda antes de ir viver para lá com os seus companheiros, assim apresentando o sonho de criar a comuna, que passaria a designar *Comuna da Luz*.

Efetivamente criou a comuna, como refere a Raul Brandão na entrevista publicada em "*Os Operários*", na qual menciona também os acontecimentos relacionados com a greve de 1918; estes conduziram à sua prisão e ao fim da *Comuna da Luz*, factos que precederam a fundação da *Comuna Clarão*, em Albarraque, após a sua saída da prisão.

A mulher de Gonçalves Correia, Ana do Carmo, experimentou viver na Comuna da Luz, mas por pouco tempo, pois não se adaptava a tal forma de vida. Ora, segundo o próprio costumava dizer, a 'alma da comuna era uma senhora, Adélia de seu nome, professora primária, que se sabe ter abandonado tudo por ele e pelos seus ideais'. Do relacionamento amoroso que mantiveram, nasceu 1 rapaz (Ferrer) e 1 rapariga (Adélia), que morreu jovem.

Ainda no âmbito destes aspetos mais pessoais e particulares, deve-se clarificar que Antônio continuava casado com Ana do Carmo, e que esta vivia na casa do casal em Beja, com os filhos que tinham em comum, sempre com o coração aberto para ele. De facto, Antônio recolheu à sua casa em Beja, após a morte da filha Adélia, e lá estava Ana disposta a mitigar a sua dor. Um dos filhos de Ana e Antônio perguntou à mãe porque estava o pai tão triste, e ela retorquiu-lhe que eram coisas dele, mas que não perturbassem o pai, que ele estava a sofrer muito.

Retomando o assunto das *comunas, as colónias libertárias*, que Gonçalves Correia tanto abraçava, destaque-se ainda uma nota sobre os acontecimentos (1918) em Odemira e a Comuna da Luz.

Em 18 de Novembro de 1918 os trabalhadores do Vale de Santiago paralisaram em adesão à greve geral (da UON - União Operária Nacional), o que veio a ter consequências dramáticas, como por exemplo a prisão de trinta grevistas, que são deportados para Luanda sem julgamento. Gonçalves Correia não estava no Vale de Santiago, mas mesmo assim foi preso em Beja, acusado de ser o mentor da Comuna da Luz e de ter roubado sacas de adubo. Da prisão do Limoeiro em Lisboa escreveu ao jornal de Beja "*O Porvir*", bem como ao "*Diário de Notícias*", neste caso para se defender das acusações publicadas em outro jornal de Beja "*A Folha de Beja*", clarificando o caso do adubo e apresentando testemunhas.

Da Comuna da Luz, então destruída para sempre, restam atualmente algumas ruínas perto das Fornalhas Velhas.

Pouco depois de sair da prisão, Gonçalves Correia funda com três companheiros a *Comuna Clarão*, em Albarraque, tendo explicado a Raul Brandão que a base seria uma vez mais a agricultura, destacando-se a horticultura, a floricultura, a pomologia, que a mesma deveria ligar-se por telefone a Lisboa, e que o objetivo era de natureza tolstoniana, salvando as crianças da rua, fazendo delas homens e mulheres honrados. A Comuna Clarão apresenta-se como um espaço social alternativo e torna-se um farol de resistência à ditadura iniciada com o 28 de Maio de 1926.

Há referências a que Gonçalves Correia terá sido um dos fundadores da Federação Maximalista Portuguesa (FMP) em 1919, contudo, não acompanhou os elementos que vieram a criar o Partido Comunista Português (PCP) em 1921, mantendo-se fiel às raízes anarquistas e aos princípios do anarcosindicalismo.

Como defensor do *Naturismo*, Gonçalves Correia participou no I Congresso Vegetariano Naturista da Península, que ocorreu em Lisboa em Junho de 1919, com a comunicação "*Naturismo e Comunismo: uma aliança sagrada*".

Em 1922 proferiu uma Conferência no V Congresso dos Trabalhadores Rurais, "*A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura*", que teve duas edições, em 1923 (com prefácio de Cristiano Lima, figura de destaque do

anarquismo português) e 1931, tendo esta motivado a sua prisão de 1932, de que consta em **cadastro** que é "*um comunista perigoso, sendo considerado em todo o Alentejo como organizador e orientador de todos os movimentos de carácter social*", e como tal veio a ser encarado no futuro pelo Estado Novo.

Com efeito, o opúsculo "*A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura*", na sua 2ª edição, trouxe a Gonçalves Correia uma nova prisão. Enviou 50 exemplares a um amigo, Luís Fernandes Laranjeira, em Chaves, para fazer algum dinheiro com a sua venda, e a quem posteriormente pede por carta o produto da mesma. Devido a este facto, é preso em Serpa a 26 de Novembro de 1932, e a sua casa é alvo de duas buscas, em dias seguidos, sendo aí apreendidos 90 exemplares do referido opúsculo e 8 exemplares da "*Estreia de um Crente*".

A 9 de Dezembro de 1932 é interrogado em Lisboa, e entre o que disse declara: "... não conhecer Luís Fernandes Laranjeira pessoalmente, e a venda dos opúsculos só tem como intuito melhorar as condições financeiras da sua numerosa família, de quem é o único amparo". Em 10 de Dezembro de 1932 é libertado, com a indicação "Restitua-se à liberdade e forneça-se-lhe requisição de transporte em 3ª classe."

A esta libertação talvez não seja alheia Ana do Carmo, uma vez que era amiga de um alto dignitário do regime vigente. Consta na história familiar que Ana do Carmo, numa das vezes em que o marido foi preso em Lisboa, parte para a capital sem mala de mão, nem chapéu, deixando um filho doente, para ir interceder junto do amigo no sentido de que libertasse Gonçalves Correia. O amigo tranquilizou-a e disse-lhe que tudo já estava a ser feito.

Devido ao peso efetivo da ditadura do Estado Novo, Gonçalves Correia só falava com amigos de confiança, mas não deixou de apoiar as Candidaturas à Presidência da República pela Oposição, Norton de Matos e Humberto Delgado, eleições Presidenciais de 1949 e 1958, respetivamente.

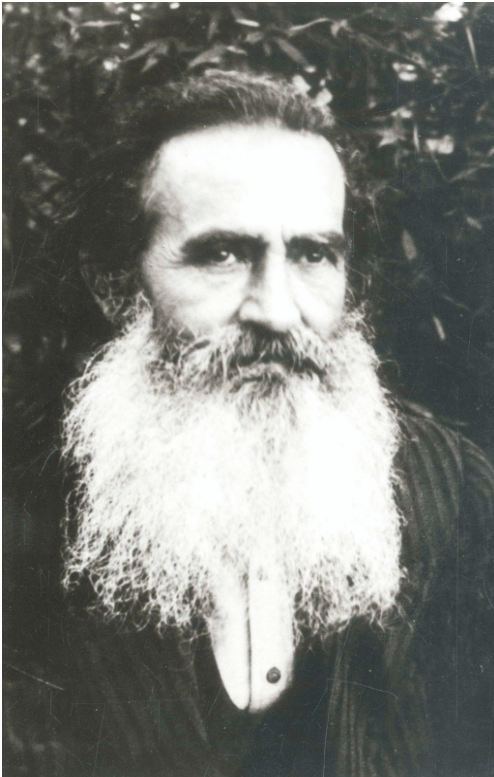
Gostava imenso de ajudar os amigos e os que sofriam, fosse porque motivo fosse, ajudava trabalhadores rurais sem trabalho, e o seu apego ao conceito

de Liberdade levava - o a comprar passarinhos em gaiolas, que posteriormente libertava com vivas à liberdade

Gonçalves Correia manteve-se sempre fiel às suas raízes anarquistas, aos princípios do anarco-sindicalismo e aos valores da Liberdade, pela qual esperava sem cortar o cabelo e a barba. Passou os últimos anos atormentado pela depressão e outros males, muito em particular com uma '*dor de alma*', como invariavelmente respondia às netas.

Veio a falecer em Carnaxide a 2 de Dezembro de 1967, e foi enterrado com a barba e o cabelo compridos, em virtude de não ter cumprido o seu ideal de conseguir viver em liberdade.

RECORDAÇÕES DE ANTÓNIO GONÇALVES CORREIA - PELAS NETAS -



- I- Gonçalves Correia era um amante de todas as pessoas, especialmente das mulheres. Contam-se várias histórias acerca dele e das suas respostas, por vezes em verso, quando interpelado por alguma mais afoita. Utilizou bastantes vezes o pseudónimo *Pedro Monséni*, para dar voz à sua paixão por todas as criaturas.

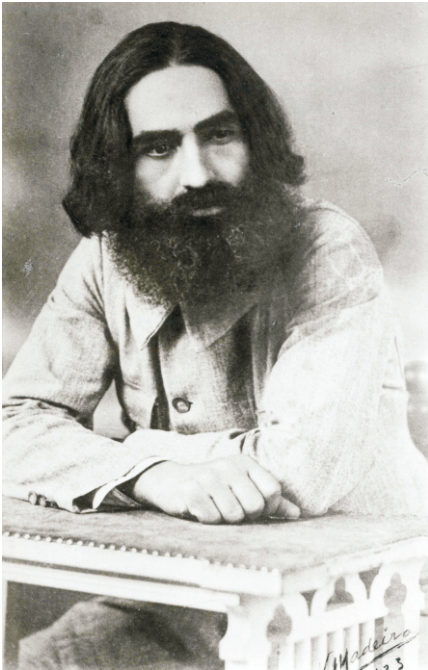
- II- Percorria os caminhos que atravessam o Alentejo com a sua bicicleta, chegando a apear-se para não esmagar um carreiro de formigas. Todos os seres vivos lhe mereciam o maior respeito.

- III - Em tempos de fome, os homens sem trabalho dedicavam-se frequentemente a apanhar pássaros para vender nos mercados. O meu avô comprava esses pássaros e abria as gaiolas gritando: - "Viva a liberdade!", enquanto se deleitava a vê-los voar.
- IV - O meu pai, Vítor Hugo, era caçador, o que não agradava nada ao meu avô. Por vezes, passava à Espingardaria que o meu pai tinha fundado e dizia-lhe tudo o que pensava sobre a morte dos passarinhos, que tão acaloradamente já tinha escrito na "*Estreia de um crente*". O filho ouvia-o pacientemente e dizia-lhe: - "Tem razão, papá, mas hoje por volta das 7 horas da tarde, temos uns para petisquinho, na "Floresta"... E ele: - "O menino é um tentador, sabe que eu não consigo resistir..."
- V - Um dia descansava Gonçalves Correia debaixo de uma árvore perto de Beja, quando foi abordado por agentes da PIDE que o revistaram. Num dos bolsos encontraram "um papel suspeito" com as palavras "Bomba na Primorosa", café muito conhecido na cidade de Beja. Sem demora, os agentes dirigiram-se ao local e aí depararam com um embrulho. Depois de o abrirem com todos os cuidados, verificaram que era uma bomba... mas, de bicicleta!
- VI - A minha avó, Ana do Carmo, era uma pessoa que gostava que as suas empregadas usassem avental e "crista" muito engomados. Um dia pediu a uma que fosse às Portas de Mértola comprar umas linhas de que precisava, e a rapariga levou a farda. Tendo encontrado Gonçalves Correia, o meu avô, este pediu-lhe gentilmente para entrar na loja de um seu conhecido, e mandou-a tirar o avental e a "crista", que embrulhou num papel, dizendo-lhe para voltar para casa e entregar à Sra. D. Ana. Gonçalves Correia não gostava que as empregadas usassem aqueles símbolos de servidão.
- VII - No final da sua vida e já doente, o meu avô sentava-se encostado a uma mesa perto de uma janela, amparado a uma das suas mãos, muito triste. Perguntávamos-lhe: - "Avô, o que lhe dói?" E ele, desencantado com a vida, respondia: - "Dói-me a alma, filha..."

VIII - Sempre me lembro do meu avô com barbas e cabelo comprido. Era mesmo conhecido em todo o lado por ser o homem das barbas! Ele tinha-se comprometido a não as cortar enquanto não houvesse liberdade em Portugal. Infelizmente morreu em 1967, muito antes de Abril de 1974. Por vontade expressa dos filhos foi enterrado assim mesmo, sem lhas cortarem nem apararem.

[...]

IMPRESSÕES SOBRE GONÇALVES CORREIA



- I- "O Sr. Gonçalves Correia, caixeiro viajante, vegetariano, tolstoiano, cheio de ideias generosas, é um revolucionário que quer levar a humanidade a uma vida mais perfeita e mais bela pela bondade. É um tipo extraordinário de grandes barbas tolstoianas e o cabelo caído pelas costas à nazareno [...] pretende realizar um sonho, dá a esse sonho tudo o que ganha [...] faz-me pensar".

Raul Brandão

- II- "[...]Quem é que, no Baixo Alentejo, não conhece Antônio Gonçalves Correia! Quem não conhece a figura inconfundível e singular do filósofo e poeta das longas barbas e cabeleira revolta

a cair-lhe sobre os ombros? Foi há anos, em Beja, que conhecemos este homem extraordinário (...) grande filósofo a desejar, ardentemente, a perfeição da sociedade humana".

Isaurindo Queimado

- III - "António Gonçalves Correia - caixeiro-viajante em Beja, conhecia profundamente a região e tinha grande influência nas Associações de trabalhadores, quer pela palavra nas suas presenças frequentes, quer pela colaboração assídua na imprensa operária. Fundara e dirigia "A Questão Social", colaborando também n' "O Caixeiro do Sul", n' "A Aurora", n' "O Rebelde" e n' "O Construtor". Esporadicamente colaborava ainda n' "O Porvir", democrático, n' "O Facho", socialista, e mais tarde no "Luz ao Povo", anarquista - comunista de Coimbra (...)".

Francisco Canais Rocha e Maria Rosalina Labaredas

- IV - "Algumas vezes temos ouvido dizer que Gonçalves Correia, propagando as suas ideias, é um homem perigoso. Discordamos absolutamente dos que fazem tal afirmação. Gonçalves Correia não é um homem perigoso, mas sim um homem honesto e justo, inofensivo apóstolo da redenção humana!

É colaborador do "Baixo Alentejo", com muito prazer nosso. E só desejamos tornar-nos dignos da amizade com que nos distingue o sincero batalhador em prol da felicidade de todos os seres".

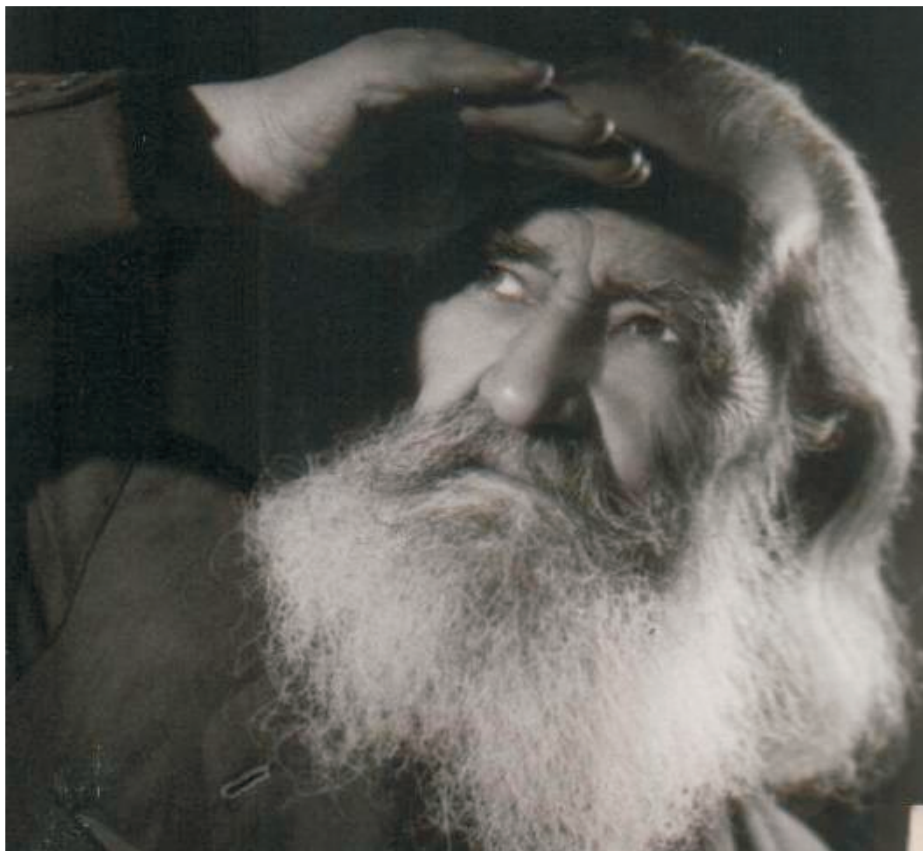
Jornal - "Baixo Alentejo", Nº 32, Cuba, 27/12/1931

- V - "[...]Ele veio atraído à sedutora verdade dos ideais que perfilha mais pelas solicitações do seu coração, do que pelas necessidades da sua inteligência ou do seu estômago (...)".

Cristiano Lima

- VI - "[...] inato propagandista de um ideal em cujas asas de sonho se enleou até ao final da sua vida (...) a possibilidade de levar avante a prática das comunas libertárias subjugou-o (...) Gonçalves Correia vence pelo ideal nobremente difundido (...)".

Francisco Quintal



O PENSAMENTO DE GONÇALVES CORREIA

Gonçalves Correia, o seu pensamento e ações merecem a continuidade da pesquisa em que se baseou esta Exposição.

Contudo, após uma breve nota de enquadramento - Anarquismo e Sindicalismo, apresenta-se uma Abordagem ao Pensamento de Gonçalves Correia, cuja elaboração seguiu, como é óbvio, os elementos obtidos da investigação efetuada.

ANARQUISMO E SINDICALISMO

NOTA DE ENQUADRAMENTO

Antes de uma abordagem ao pensamento de Gonçalves Correia através de alguns dos seus escritos, impõe-se uma breve nota de enquadramento com outras referências.

Sem podermos dar um registo exaustivo sobre as correntes ideológicas e a forma como se foi desenvolvendo a organização do movimento operário na segunda metade do séc. XIX, destacamos a afirmação do socialismo científico, marxista, revolucionário, sobre outros princípios, e o papel de Marx e Engels na formação da I Internacional Operária (1864 - 1876). No quadro desta Internacional se dá o confronto Marxismo - Anarquismo, com BAKUNINE a demarcar-se do pensamento de Marx e a defender o que originou o **Anarco - Sindicalismo**.

Bakunine foi expulso da I Internacional em 1872, e convirá observarmos em síntese o que o opõe a Marx.

Ambos, ou de outra forma, Marxismo e Anarquismo, defendiam a destruição do capitalismo, a socialização dos meios de produção, a igualdade económica e social, mas era diferente o caminho para o conseguir, o que levava Bakunine e outros a acusarem Marx de autoritário e centralista, pela sua proposta de organização dum sindicalismo de massas e da luta de classes visando um Estado forte, a Ditadura do Proletariado; ao contrário,

BAKUNINE negava exatamente a existência do Estado, pugnano pela sua abolição, e defendendo a luta económica direta das associações operárias, livres e em federação, através da qual seriam atingidos os objetivos.

Em 1872, o italiano MALATESTA conhece Bakunine e vem a considerá-lo o "pai espiritual"; no nosso país, uma primeira tradução de "*A Anarquia*", de Malatesta, data de 1895, mas, até 1910 é sobretudo bem mais significativa a divulgação de outros anarquistas como Kropotkine, Jean Grave, Elisée Réclus, sendo a partir daquela data e através do Jornal *A Aurora* (Porto) e da Revista *A Sementeira* (Lisboa), que Malatesta é dado a conhecer, em particular por NENO VASCO, [1] que se lhe refere como "porventura o mais lúcido e completo intérprete do anarquismo". [2]

MALATESTA explicava a *anarquia* como "[...] uma sociedade fundada sobre o acordo livre e voluntário, na qual ninguém possa impor a sua vontade a outrem, e todos tenham meios de viver a seu modo e voluntariamente concorram para o bem - estar geral [...] a abolição do desfruteamento e opressão do homem por parte do homem, isto é, a abolição da propriedade individual e do governo [...]". [3]

Continuando a seguir Malatesta, temos ainda que "para realizar a anarquia não basta ter a força material para fazer a revolução, mas é também preciso que os trabalhadores, associados segundo os diversos ramos de produção, se ponham em condições de garantir por si próprios o funcionamento da vida social, sem precisão de capitalistas nem de governos [...]". [4]

E reforçamos esta última ideia com as palavras do próprio Neno Vasco "*Para caminhar hoje, amanhã e sempre para a anarquia*, para a realizar pouco ou muito, o nosso método é a ação e a organização direta das massas [...] a única força criadora das revoluções está na ação popular, na ação direta das massas, na educação e organização dos indivíduos, no esforço e iniciativa de cada um e de todos". [5]

[1]; [2]; [3]; [4]; [5] - NENO VASCO, "*Concepção Anarquista do Sindicalismo*" (Estudo Introdutório de João Freire), Porto, Edições Afrontamento, 1984, [1] - Estudo Introdutório de João Freire - pp. 7-44; [2] - pp. 69; [3] - pp. 69-70; [4] - pp. 72; [5] - pp. 73 - 74

O operário arsenalista Hilário Marques, adentro do anarquismo desde 1895, e ligado à revista *A Sementeira* (1908 - 1919) expressa a Raul Brandão a sua posição de anarquista libertário e remete para o documento em que se revê, o Manifesto de FAURE, que basicamente aponta para objetivos de liberdade, boa forma física associada a condições de alimentação, roupa e habitação, formação e enriquecimento cultural e criação de "(...) um meio social favorável ao desenvolvimento integral da personalidade humana (...)". (6)

Classificando-se como "anarquista - comunista", o mesmo Hilário Marques afirma que "o poder só mantém o poder", exatamente o que nas suas palavras acontecia na Rússia e que não defendia, pelo que aceita apenas "a autoridade moral (...) o sindicalismo com intenção libertária (...) e como meio que nos conduza ao comunismo livre. O sindicalismo (que) será talvez o gérmen de futuras organizações ...". (7)

Consideramos também importante que se recorra a Alexandre Vieira para conhecer os seus *Subsídios para a História do Movimento Sindicalista em Portugal (de 1908 a 1919)*, e a terminar esta síntese de contextualização queremos referir brevemente algumas ideias.

Alexandre Vieira, operário gráfico, jornalista, sindicalista ... vai - nos descrevendo o caminho percorrido desde esses anos de 1908 - 1909 em termos da informação, divulgação de princípios sindicalistas revolucionários, autonomização face à influência do Partido Socialista por parte de alguns grupos e organizações operárias próximas das ideias anarquistas, e que defendiam a independência de quaisquer tutelas políticas.

Remete-nos ainda Alexandre Vieira para as lutas travadas na I República, as discussões havidas no seio do movimento operário sobre sindicalismo, influência partidária e independência operária, o debate nos Jornais e Congressos, O Congresso de Tomar de 1914 e o confronto entre reformistas e *revolucionários*, com a afirmação destes, a criação da União Operária

[6] e [7] - BRANDÃO, Raul - "*Os Operários*" - Fixação do texto, introdução e notas por Túlio Ramires Ferro, Lisboa, Biblioteca Nacional, Autores dos Séculos XIX e XX, 1984, [6] pp. 338; [7] - pp. 287-288

Nacional (UON) e o seu reforço a partir da Conferência Operária de 1917 (o seu fim deu-se em 1919 com a criação da CGT - Confederação Geral do Trabalho), a estratégia sindical de que "enquanto uma transformação social se não operasse, um único meio restava ao trabalhador para tornar possível a existência: *a luta incessante pelos salários mais altos*" (8), a greve de 1918 e a ação no Alentejo, destacando nós a região de Odemira - Vale de Santiago.

Sobre a "conquista" do Alentejo para as ideias revolucionárias deve ter-se presente o trabalho dos que se deslocaram para esta região em condições complexas, tiveram a colaboração de alguns rurais locais, como Joaquim J. Candieira (Portalegre) ou Vital José (Vidigueira), desenvolveram propaganda e organizaram sindicatos, sendo possível a realização do 1.º Congresso dos Trabalhadores Rurais de Évora - 1912, onde foi criada a Federação Rural; *O Trabalhador Rural* será lançado como órgão mensal da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais.

Sem mais referências ao papel de outros Jornais (destaque-se *A Greve* - 2.ª série, 1917 - semanário anarco - sindicalista) e Revistas, registre-se a criação do Jornal *A Batalha* [23/2/1919] por alguns delegados da UON, como Pinto Quartim, Hilário Marques, Perfeito de Carvalho, o próprio Alexandre Vieira (secretário - geral da UON) ...

Alexandre Vieira destacou o nome de alguns "intelectuais" que muito contribuíram para o chamado "*movimento operário avançado*", como Emílio Costa, Adolfo Lima, Neno Vasco, Manuel Ribeiro, Pinto Quartim, Aurélio Quintanilha, Campos Lima ...

A limitação de espaço leva-nos a omitir uma síntese, ainda que breve, sobre a demarcação entre anarquistas e bolchevistas e os seus reflexos no movimento operário, com a criação da Federação Maximalista Portuguesa em 1919 e do Partido Comunista Português em 1921.

(8) - VIEIRA, Alexandre - "*Subsídios para a História do Movimento Sindicalista em Portugal* (De 1908 a 1919)", Lisboa, Edições BASE, Coleção / Textos Sindicais, 1977, pp. 52



ABORDAGEM AO PENSAMENTO DE GONÇALVES CORREIA

Gonçalves Correia nasceu em 1886, portanto, na vigência do regime monárquico em Portugal. Quando teve idade para pensar, Gonçalves Correia aderiu, como muitos outros, às ideias republicanas, pois como ele próprio escrevia em 1916 num artigo de discussão temática no *Jornal A Questão Social* N.º.12 "[...] o regime republicano, é como regime político, um pouco mais lógico que o regime monárquico [...]"

Contudo, e como afirmou na *Carta a um Republicano*, mesmo antes da implantação da República já o seu "[...] espírito pairava por outras regiões [...]" Por que compreendera já que isto de repúblicas e de monarquias é coisa muito parecida", razão pela qual a alegria que sentiu em 5 de Outubro de

Ano 1.º

Cuba, (Alentejo—Portugal) 7 de Janeiro de 1916

A QUESTÃO SOCIAL

Ha mais luz nos 24 letras do alfabeto do que em todas as constelações do Firmamento.—GUERRA JUNQUEIRO

Redacção e administração Rua—Alvico de Castilhes—CUBA Composição e impressão Tip. de «A Folha de Beja»	PUBLICA-SE AOS DOMINGOS Redactor efectivo—GONÇALVES CORRÊA Editor—J. F. BORRALHO LUCAS Propriedade de António Gonçalves Corrêa	Assinaturas: PAGAMENTO ADIANTADO 3 meses..... \$20 (200 réis) 6 " "..... \$40 (400 ") 12 " "..... \$30 (800 ")
---	--	---

1910 foi uma alegria breve, dado que de imediato "[...] via o negro interesse pessoal a manchar os intuitos puríssimos dos "idealistas".⁽⁹⁾

Tendo presente a forma como definiu o seu posicionamento ideológico, Gonçalves Correia terá sido republicano até aos 25 anos, idade a partir da qual passou a ser "libertário" e nessa linha apresentou "O que somos e o que queremos" no seu *Jornal A Questão Social* (Nº.1,Cuba, 1916) "Somos libertários - por indicação do nosso raciocínio [...] combatemos pelo triunfo da revolução social [...] a mais encantadora de todas as revoluções".

Tendo ainda em conta o mesmo número do *Jornal*, podemos concluir que seguia [m] Krapotkine, Faure, Gráve, Malatesta (que referiremos como "anarquistas históricos", para além de Réclus e Bakunine), aqueles que "têm vindo [...] pregando o amor, semeando a revolta, cantando a vida, prestando culto à bondade e elevando a Justiça"

A Questão Social propõe-se (entre outras linhas orientadoras) ser um *Jornal* de propaganda, e em particular de *propaganda anarquista*, pelo que vai dando voz a todos os que assinam, ou não, textos com marca anarquista e sobre matérias atuais e relacionadas com os valores da liberdade, igualdade económica, fraternidade, tolerância, justiça, naturismo, mas também sobre a carestia de vida, a guerra [a Europa está em guerra], a emancipação do operariado e a revolução social.

Atravemo-nos a afirmar que Gonçalves Correia lança e assegura o *Jornal* aos diferentes níveis, nele coloca um anúncio relacionado com a sua atividade de representação de casas comerciais e venda de diversos produtos, assina artigos, e não assinará outros, cuja paternidade talvez lhe pertença ... no *jornal* "sonha" com a sua *Comuna da Luz*.

De entre os anúncios que constituem a página a tal dedicada, lá encontramos por exemplo *Revistas* como *A Sementeira*, *O Vegetariano*, mas também a *Biblioteca d'"Aurora"* - Educação Sociológica, que integra

[9] - GONÇALVES CORREIA, António - "*Estreia de um Crente*", cit. por Francisco Quintal, In - "a ideia", *Revista de Cultura e Pensamento Anarquista*, Nº. 20-21, Lisboa, 1981

Krapotkine, *O Governo Revolucionário, Sindicalismo e Parlamentarismo...*, **Malatesta**, *Entre Camponeses, A Política Parlamentar no Movimento Socialista, A Anarquia...*, **Sousa**, *Sindicalismo e Acção Directa*, etc.

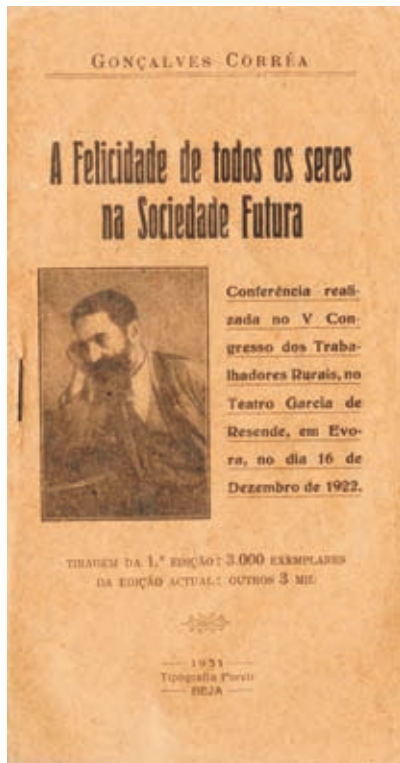
Pelo que escreve neste seu Jornal, mas através dos vários escritos em geral, Gonçalves Correia faz como que a "síntese" dos contrastes na forma dada à dualidade tratada, por um lado a sociedade burguesa, as realidades observadas nos seus males e desigualdades, e por outro a sociedade do futuro proposta por si e pelos seus camaradas, sem esses males, e tornando possível a harmonia, a luz, o amor, em suma, a felicidade de todos. Deve realçar-se também a forma interessante como expõe as suas ideias em diversas Cartas, que escreve por exemplo a um anarquista, a um advogado, a uma mulher ... ou até mesmo ao Presidente da República, aquando da sua prisão em 1918.

Uma das poesias que escreveu designa-se exactamente *Contraste* (1958) e traduz a abismal diferença que observou entre uma mulher, descrita de forma a avaliar-se como tendo uma boa vida, porventura pertencendo à burguesia, e uma criança esfarrapada, filha de um pobre ignorado; mais, face ao contraste, Gonçalves Correia afirma desde logo o seu dever de se colocar de um dos lados, obviamente o da criança, o dos pobres.

Na mesma linha, alguns dos seus artigos têm conteúdo que à partida pode não ser sugerido pelo título, assim por exemplo *O Sofrimento Humano*, escrito em 23 de Dezembro de 1931, põe a tónica no frio que corta o corpo daqueles que não têm condições para o combater, o que resulta afinal da injustiça duma sociedade que esquece o princípio de "amai-vos uns aos outros", a mesma sociedade que em *Castigar ou Perdoar?* é acusada de não saber perdoar, mesmo às crianças, pois o roubo, até de pão, é castigado sem averiguar as causas, quando na perspectiva da doutrina de Gonçalves Correia o importante seria perdoar para afastar os erros. Em *Os Crimes da Sociedade* (O Chico Maria), esta figura popular em Beja, de inata vocação artística, é utilizada para exemplificar a situação de quantos são impedidos pela sociedade de desenvolver as suas capacidades no domínio da cultura e da arte, o que diz o nosso autor, não pode deixar de incomodar os que como ele são verdadeiros "rebeldes".

E com estas referências se justifica perfeitamente que Gonçalves Correia apele a outro tipo de sociedade, e por outro lado, que em verso e em prosa se refira a Deus, para se considerar um crente desde que Deus signifique aquilo que a sociedade burguesa não oferece a todos - a liberdade, o amor, a água, o pão, o bem ...

Ora, a sociedade futura, aquela que Gonçalves Correia abordou na sua conferência de 1922 *A Felicidade de Todos na Sociedade Futura*, é apresentada como absolutamente oposta à sociedade burguesa do seu tempo, correspondendo a uma realidade bem diferente do capitalismo e do regime político republicano que conhecia, era a "sociedade dos produtores livres na terra livre!", a "*brilhante sociedade de amigos, a sociedade igualitária, a brilhante, a moralizadora sociedade anarquista!*".



Nessa nova sociedade, sem a tirania da propriedade privada, do salariedade, do poder político, existiria amor, harmonia, luz, abundância de bens, felicidade, e os seus homens e mulheres seriam as crianças educadas no triunfo sobre a estupidez e a injustiça. Para a atingir, é preciso caminhar (Neno Vasco dizia - hoje, amanhã e sempre), pela educação, organização, e através da ação direta que conduz à revolução social.

Como Gonçalves Correia escreveu em *Carta a um Advogado*, quando a Revolução chegasse, a Revolução do Amor, seriam libertados os que a justiça burguesa fizera prisioneiros, e aos mesmos aberto o caminho da educação, a igualdade económica tornar-se-ia realidade, as tabernas abolidas, recuperadas as raparigas perdidas, destruídos os meios da governação.

A importância atribuída à educação é primordial, pelo que Gonçalves Correia refere o papel dos Professores na instrução dos milhões de crianças por esse mundo, e em *Cultura Humana* (1925) escreve sobre a educação das crianças, que não seja o reles e insignificante "B-á-b-á", mas uma educação para os valores, embora reconheça a seguir que tal não é possível numa sociedade em que os grandes dominam os pequenos.

Ainda no âmbito da educação se pode integrar a "campanha" pelo Naturismo, quer seja o amor pela Natureza quer seja a defesa de uma alimentação naturista. Assim, *A Questão Social* faz-se eco da importância do Naturismo e o próprio Gonçalves Correia escreve sobre *O que devemos comer?* defendendo uma alimentação com base em alimentos crus, pois se o homem inventou o fogo, antes disso ele era por natureza "crudivoro".

Um outro aspeto relevante no pensamento destes homens *avançados* era a questão da organização, a Associação, sendo de todo o interesse a forma como Gonçalves Correia se lhe refere em *Carta a um Anarquista*, a quem dirige várias perguntas que traduzem no fundo os objetivos da organização de base - "Que tal de progressos aí pela associação? Tem aumentado o número de sócios? São já mais vastas as instalações da sede? Os associados vão criando gosto pela agremiação? O espírito de solidariedade tem criado raízes entre os rurais de aí? Já eles conseguiram o aumento de salário em que pensavam? Já frequentam o curso nocturno com mais assiduidade? Já lêem com prazer os jornais avançados? Já alguns são assinantes de publicações anti-políticas? Já puseram de parte a taberna? Já deixaram de fumar? Já são mais amigos das companheiras? Já se não curvam tanto ante o despotismo dos mandantes?". [10]

A resposta a este conjunto de perguntas permitiria avaliar do estado da associação e dos associados, em termos de número mas também de consciencialização e resultados obtidos, portanto, também do trabalho que ainda se impunha fazer, pelo que Gonçalves Correia pedia resposta e afirmava "...não se esqueça você, meu caro Lourenço, que temos ainda muitas léguas a percorrer". [11]

[10]; [11] - GONÇALVES CORREIA, António - "*Estreia de um Crente*", cit. por Francisco Quintal, In - "a ideia", Revista de Cultura e Pensamento Anarquista, Nº. 20-21, Lisboa, 1981

A importância de ler "jornais avançados" remete-nos de novo para o jornal local *A Questão Social* no qual Gonçalves Correia se refere por exemplo aos "jornalistas alugados - vendidos", por assumirem a defesa dos interesses da burguesia e denegrirem as organizações operárias, sendo também de realçar a "doutrinação" que as suas páginas permitem, através de artigos diversos de que pode fazer a síntese esta afirmação de G. Correia "[...] *está provado que o operariado, se quer viver e ser livre, tem de ser consciente o mais possível, trocando o papelinho de votar pelo alargamento consciente do raciocínio [...]*", pois só assim caminhará para a sua emancipação e para a "guerra social" que os soldados - proletários deveriam desencadear depois da guerra [I Guerra].

Sobre a "conquista" do Alentejo para as ideias revolucionárias, a propaganda e organização, o mesmo órgão de imprensa informa-nos que em Março de 1915 foi criada em Vale de S. Tiago a *Secção da Associação dos Trabalhadores do Concelho de Odemira*, que evidenciamos pela razão óbvia da ligação de Gonçalves Correia a esta aldeia.

A propósito de "*Como era a Associação?*", e em homenagem a Francisco Mestre, de Vale de Santiago, revolucionário nos movimentos de 1918, mas também a Francisco Canais Rocha e Rosalina Labaredas, que o ouviram em 1981 registando para futuro as suas palavras, destaque-se:

- "Claro, era muito forte. Além da Associação de Odemira havia em Vale de Santiago, Santa Luzia, Panoias, estava tudo minado. E tínhamos ligação com a sede da União Operária Nacional em Lisboa [...] Cá na Associação discutíamos o desemprego, a forma de arranjarmos trabalho e exigíamos que eles fabricassem as terras, mas eles nem as fabricavam nem as entregavam. Falavam lá na Associação o Campos e o Chico Paulino, que tinha sido propagandista da República, mas depois quando viu que só defendiam a burguesia pôs-se contra, mas ele tinha conversa que era capaz de revoltar um povo. *Ele e o Gonçalves Correia [...]*". [12]

[12] - CANAIS ROCHA, Francisco e LABAREDDAS, Maria Rosalina - "*Os Trabalhadores Rurais do Alentejo e o Sidonismo*", Lisboa, Edições 1 de Outubro, 1982, pp. 102

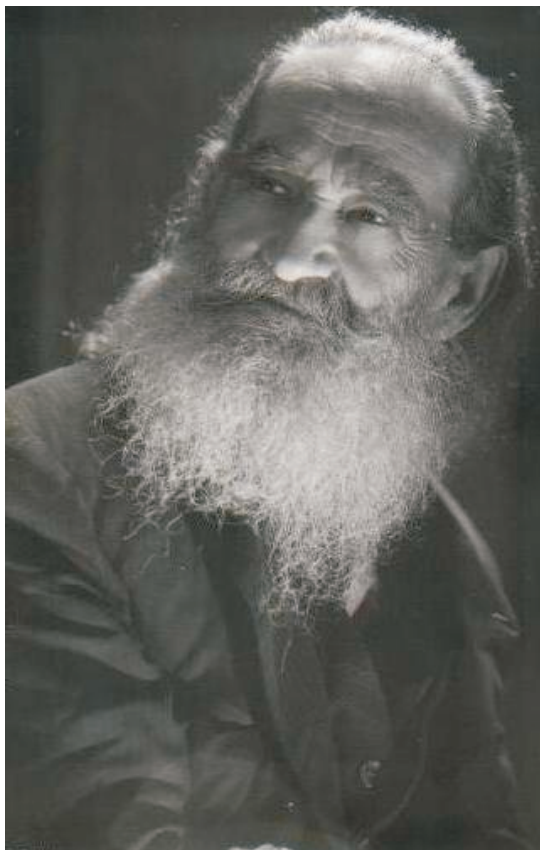
Vale de Santiago foi a terra de eleição onde Gonçalves Correia encontrou por perto aqueles 3 quilómetros de terra para na prática construir a "cidade da luz" que idealizava em *A Questão Social* (N.ºs.5 e 6), apresentando-a de forma pormenorizada como se fosse já uma realidade, o ensaio da vida em comunismo, na *Comuna da Luz*, sem propriedade privada, sem leis e autoridade, desenvolvendo uma educação racional para os valores supremos que constituíam o seu pensamento e iriam criar uma geração não fumadora, não alcoólica, não pervertida, uma comunidade que permitiria a observação da felicidade em todos os elementos "agregados".



Ruínas da Comuna da Luz, em Vale de Santiago

Refira-se, aliás, que no N.º. 3 e em artigo não assinado, mas porventura da autoria de Gonçalves Correia, é defendida a importância de demonstrar, em colónias libertárias, "[...] que a espécie humana pode viver feliz em sociedade e atingir o seu máximo desenvolvimento [...]", pelo que tal iria ocorrer logo que reunidas as condições para viver, já que existia o principal capital - "[...] a nossa vontade invencível [...]".

Raul Brandão sintetiza o que lhe referiu Gonçalves Correia sobre a Comuna, a forma como os trabalhadores de Vale de Santiago a observavam com simpatia, enquanto os ricos fomentavam a guerra, que facilmente foi dimensionada aquando da greve de Novembro de 1918, como se os acontecimentos de Vale de Santiago tivessem "o foco" na Comuna. Gonçalves Correia não estava lá, mas foi preso em Beja, assim noticiava o Jornal "O Porvir" de 30 de Novembro de 1918, acusado, obviamente, de ser o mentor dos alegados excessos cometidos. A *Comuna da Luz* teve o seu fim, virá a suceder-lhe a *Clarão*, em Albarraque, duas experiências do sonho de um libertário.



Enquanto o Jornal *A Folha de Beja* se refere a crimes praticados e os relaciona com o perigo que vinha representando a associação anarquista de Vale de S. Tiago e a propaganda dos seus dirigentes (...) O *Porvir* (Beja) considera Gonçalves Correia um homem honesto, honrado, que podendo ser fanático "por ideias avançadas (não era seguramente) um criminoso". Em Lisboa, o *Diário de Notícias* fez-se eco das notícias de *A Folha de Beja*, e Gonçalves Correia defende-se através de carta escrita da cadeia do Limoeiro, de onde também escreve ao *Porvir*, agradecendo as palavras e manifestando a certeza no triunfo da justiça e do amor.

Gonçalves Correia, o amante da Liberdade, até para os passarinhos, encontra-se privado dela, e como afirma em *Carta ao Presidente da República*, pelo "crime" de amar a Justiça e a Humanidade, afinal o mesmo que o levará de novo à prisão em 1932 e a ser alvo do Estado Novo.

Se expressava o seu desejo sobre o triunfo do Amor na sociedade, Gonçalves Correia igualmente manifestava em *Carta a uma Mulher* o seu pensamento sobre o amor livre entre homem e mulher, numa união natural e sem a necessidade do casamento, esse "preconceito social", como que a seguir o anarquista Réclus, que abençoou a união da sua filha com o homem amado.

E se homens e mulheres vivem a todos os níveis "desonrados" pela "imoralidade" que os cerca, interpretando as suas palavras em *A Moral do Futuro*, afirma ainda Gonçalves Correia que só nesta se pode concretizar o Ideal que de várias formas explanou, e que para outros é a *utopia*, já que ele acredita ser possível no seu sistema de comunismo e fraternidade.

GONÇALVES CORREIA escreveu

OBRAS DE GONÇALVES CORREIA

Estreia de um Crente, 1917

A Felicidade de Todos os Seres na Sociedade Futura,
1923 [1ª.ed.] e 1931 [2ª.ed.]

COLABORAÇÃO EM JORNAIS

"*A Questão Social*" - Cuba, 1916. Gonçalves Correia fundou e dirigiu este
Jornal

"*A Aurora*"

"*O Baixo Alentejo*"

"*A Batalha*"

"*O Caixeiro do Sul*"

"*O Construtor*"

"*O Cubense*"

"*O Facho*"

"*Luz ao Povo*"

"*O Porvir*"

"*O Rebelde*"

ALGUNS TEXTOS DE GONÇALVES CORREIA

Foram diversas as temáticas sobre as quais Gonçalves Correia escreveu e muitos os textos em que as apresentou. Registam-se alguns exemplos, bem como uma pequena nota das suas afirmações a Raul Brandão sobre A Comuna da Luz.

I - "CARTA ABERTA"
"AO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA"

"Senhor Presidente:"

"[...]Sou um amigo dedicado da Liberdade, um sincero e *desinteressado* pioneiro deste ideal generoso: a Harmonia dos homens.

Indiferente, aos 12 anos, como todas as crianças desta idade, às ideias que agitam os cérebros; republicano desde os 18 aos 25, julgando ser a república o meu ideal; libertário dos 25 até ao presente momento, sempre por imposições do meu raciocínio, julgo ter percorrido com honestidade, com desinteresse e com abnegação a espinhosa estrada do Ideal, sempre com os olhos fitos no futuro, sempre desejando ver realizado o meu lindo sonho de Amor: sorrisos naturais em todas as crianças, alegria íntima em todos os corações, moral dignificadora em todas as almas, pureza de sentimentos em todos os indivíduos [...]"

Gonçalves Correia
In - Jornal "A Batalha", Ano II (414), Lisboa, 21 Maio 1920

II - "CARTA A UM ADVOGADO"

"Revolução do Amor, a nossa revolução! [...] A revolução é a minha namorada. Eu quero-a. Eu hei-de segui-la.

Começarei aqui por perto: está aqui a cadeia a dois passos, mergulhada em trevas. Arrancarei de lá, nesta hora sagrada de Justiça, os tristes que a justiça

burguesa ali encerrou e entregar-lhe-ei aquele livro onde Junqueiro escreveu: Há mais luz nas 24 letras do alfabeto do que em todas as constelações do firmamento".

Baterei à porta do Sr. Secretário de Finanças para lhe dizer: venha comigo. Eu sou a Revolução triunfante! Quero igualar economicamente todos os homens!

Sigamos: dorme aqui, neste quarto de hotel, o Sr. Dr. Delegado? Vou acordá-lo e dizer-lhe: Sr. Dr. está na rua a Revolução. Sou eu!... Já não há presos na cadeia! Vêm aqui comigo e estão salvos!

Onde irei agora? Ah! Recordei-me já. Baterei aqui à porta do Sr. Juiz, a quem direi: Sr. Dr.: Sabe quem sou! Eu sou a Revolução ... Mas tranquilize-se já. Sou a Revolução, mas a revolução do Amor! Eu sou o povo! {...}"

III- "CARTA A UM ANARQUISTA"

"A propaganda socialista ... Mas, afinal, bom será definirmos o que é o socialismo, pois temos duas espécies: temos o socialismo parlamentar, nocivo, intervencionista, à moda do socialismo alemão, e temos o socialismo libertário, consciente, de acção directa, que por si faz tremer de medo os cómodos barões que disfrutam os benefícios do património comum. Esse sim. É o socialismo do futuro, sem deputados, sem eleições, sem o deprimente "carneiro com batatas" que corrompe consciências, que aniquila caracteres {...}

Por hoje vou terminar. É claro que não o farei sem que de novo o incite a prosseguir no caminho encetado. Que tal de progressos aí pela associação? Tem aumentado o número de sócios? São já mais vastas as instalações da sede? Os associados vão criando gosto pela agremiação? O espírito de solidariedade tem criado raízes entre os rurais de aí? {...} Já frequentam o curso nocturno com mais assiduidade? {...} Já puseram de parte a taberna? Já deixaram de fumar? Já são mais amigos das companheiras? {...}"

(II e III) – Gonçalves Correia

"*Estreia de um Crente*", cit. por Francisco Quintal - In "*a ideia*",
Revista de Cultura e Pensamento Anarquista, N.º. 20-21, Lisboa, 1981

IV - "CASTIGAR OU PERDOAR?"

"[...] A sociedade burguesa fomenta este estado de coisas. O Estado mete na cadeia uma criança que rouba um pão. Não tolera. Não quer saber circunstâncias condutoras. O facto deu-se? Castigo! Cadeia! Vingança! O Estado tem as cadeias para castigar os que erram. Mas não tem escolas modelo para ensinar a vida honesta [...] A sociedade burguesa não perdôa [...] O castigo fomenta o ódio. O perdão fomenta o amor. Perdoemos, pois [...]"

"A nossa missão deve ser bem outra. Tem de ser esta: Perdoar os erros dos nossos semelhantes e procurar evitar que esses erros se repitam de futuro [...]"

Gonçalves Corrêa
In - Jornal "A Questão Social" Nº. 15, Cuba, 16/4/1916

V - "CULTURA HUMANA»

"O problema, duma magnitude evidente, que é a Harmonia entre a espécie, estará resolvido quando os adultos equilibrados tomarem à sua conta a educação racional da criança. Racional", disse eu, e julgo que disse bem; sim por que há várias espécies de educação: entre a educação racional, que tem em mira a Felicidade "de todos", e a educação vulgar, que pretende manter a injustiça milenária que sufoca o genero humano, há a mesma diferença que existe entre o pintasilgo e a aveztruz [...]"

A educação dos infantes! Como a Alma se me enche duma tristeza infinita ao pensar na forma deficiente da educação infantil!. Eduquemos "todas" as crianças convenientemente. Sim, convenientemente, por que ensinar às crianças o 'B-â-b-â, apenas o 'B-â-b-â, é uma coisa reles, insignificante! Como a criancinha d'hoje, inocente e traquinas, pode ser o homem justo, digno e ponderado, do futuro!

Vejo agora, no fim destas considerações, que estive a sonhar ... Educação racional ... Cultura humana ...Educação de "todas" as crianças ... Ah! Sonhador eterno que eu sou! [...]"

Gonçalves Correia
In - Jornal "O Cubense" Nº. 16, Cuba, 1/4/1925

VI - "A FELICIDADE DE TODOS OS SERES NA SOCIEDADE FUTURA"

"[...]A alegria de todos os seres na sociedade futura pode bem ser um facto risonho e consolador. Basta que cada um de nós seja justo, basta que cada ser pensante tenha a precisa normalidade, que desapareçam as causas do mal enorme que nos apavora. E as causas são várias, sendo a principal, quanto a mim, torno a repeti-lo, a fórmula errada da propriedade privada.[...]

Oh! A Felicidade! Tão fácil é o problema magno da Felicidade, da alegria de viver, e tão difícil tem sido, até hoje, gosar esta alegria grandiosa. E bastava, afinal, que todos quizessemos ser felizes! Extraordinária a fatalidade dos homens! Felicidade! Oh! Vem junto de nós todos pela clarificação da inteligência, pela bondade, pela beleza, pela pureza de intenções, pela sinceridade, pelo trabalho! [...]

O trabalho! Mas porventura esta estúpida sociedade que nos rege, a sociedade burguesa, tem contribuído para que se expalhe no mundo a vontade á santa lei do trabalho? [...] Esta sociedade, baseada no antagonismo de interesses, na vaidade, na injustiça, na corrupção, só tem dificultado o trabalho [...]"

Gonçalves Correia *"A Felicidade de Todos os Seres na Sociedade Futura"*, 1ª. ed. 1923, 2ª. ed. 1931

Gonçalves Correia a Raul Brandão SOBRE A COMUNA DA LUZ

"[...] - Pois, fundei uma comuna no Alentejo, no extremo da freguesia de Vale de Santiago, confinando com a freguesia de Alvalade, a quatro quilómetros da estação de Torre Vau, linha do Sado. Éramos quinze os agregados, entre os quais cinco mulheres com algumas crianças de diferentes tamanhos. Objectivo - realizar praticamente o nosso pensamento social: banir a propriedade individual dentro da colectividade. Objectivo moral - o vegetarianismo como início até chegarmos ao crudivirismo - aos vegetais crus como alimento. Tínhamos comprado um terreno do tamanho do Rossio, onde havia quatro paredes velhas, que cobrimos de telha [...] Trabalhámos, trabalhámos em comum com o mesmo cofre e o mesmo ideal, todos com o maior entusiasmo - e o pensamento de fraternidade praticado da melhor vontade, apesar de não termos todos a mesma educação [...]"

"Os Operários" - Lisboa, Biblioteca Nacional, Autores dos Séculos XIX e XX, 1984

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes - Registos Paroquiais

Arquivo Distrital de Beja, CVR 05/01-Lv 038, Cx. 0366, Bapt.1886, N.º. 18

Fontes impressas - Jornais

1 - "A Questão Social" - Cuba, 1916

2 - Outros

"O Baixo Alentejo", Cuba, 1931

"A Batalha", Lisboa, 1920

"O Cubense", Cuba, 1925

"O Diário de Lisboa", Lisboa, 18 de Novembro de 1982

"Diário do Alentejo", Beja, Maio, 1983; Dezembro, 1985; Setembro, 1989

"A Folha de Beja", Beja, Novembro - Dezembro, 1918

"Gazeta do Sul", Montijo (s.d.)

"O Porvir", Beja, Novembro - Dezembro, 1918

Bibliografia

BRANDÃO, Raul - "Os Operários" - Fixação do texto, introdução e notas por Túlio Ramires Ferro, Lisboa, Biblioteca Nacional, Autores dos Séculos XIX e XX, 1984

CANAIS ROCHA, Francisco e LABAREDDAS, Maria Rosalina - "Os Trabalhadores Rurais do Alentejo e o Sidonismo", Lisboa, Edições Um de Outubro, 1982

COSTA, Ramiro - "Elementos para a História do Movimento Operário em Portugal", Lisboa, Assírio e Alvim, Cadernos Peninsulares 4 [1.º vol.], 5 [2.º. Vol], 1979

FRANCO, Alberto - "A Revolução é a Minha Namorada - Memória de António Gonçalves Correia, anarquista alentejano", Edição da Câmara Municipal de Castro Verde, s.d.

GONÇALVES CORREIA, António - "A Estreia de um Crente", 1917 (digitalizado)

GONÇALVES CORREIA, António - "A Felicidade de Todos os Seres na Sociedade Futura" Beja, edição [2.ª. ed.] de "O Porvir", 1931

NENO VASCO - "Concepção Anarquista do Sindicalismo" (Estudo Introdutório de João Freire), Porto, Edições Afrontamento, 1984

QUINTAL, Francisco - "Biografia - Gonçalves Correia" - In - "a ideia", Revista de Cultura e Pensamento Anarquista, N.º. 20-21, Lisboa, 1981

VENTURA, António - "Subsídios para a História do Movimento Sindical Rural no Alto Alentejo (1910-1914)", Lisboa, Seara Nova, Colecção será nova, 24, 1976

VIEIRA, Alexandre - "Subsídios para a História do Movimento Sindicalista em Portugal (De 1908 a 1919)", Lisboa, Edições BASE, Colecção / Textos Sindicais, 1977

